

NOTAS SOBRE "OS ELEMENTOS MASCULINOS E FEMININOS EXCINDIDOS ENCONTRADOS EM HOMENS E MULHERES", DE DONALD W. WINNICOTT

Cecília Noemi de Camargo¹

¹ Psicanalista, professora do curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Ao iniciar o percurso que levou à formulação deste texto, uma série de indagações foi-me ocorrendo. O contato um tanto recente com o trabalho de Winnicott fez com que dirigisse minha curiosidade para a tentativa de encontrar elementos semelhantes a algo que já me fosse conhecido, quer fosse algo freudiano, kleiniano ou bioniano.

Winnicott no entanto, foi tomando espaço, adquirindo um corpo, e neste momento, se persistem de algum modo tentativas de comparação, elas estão em segundo plano.

Algumas indagações foram sendo respondidas, outras continuam sem resposta...

Desse modo, o escrito que se segue é a exposição das inquietações que o texto de Winnicott despertou e a reflexão que elas próprias geraram.

O título do artigo já suscita questões: que elementos são esses? Tem a ver com gênero ou identidade sexual? E com os conceitos de atividade e passividade? Como aparecem? São inatos ou constitucionais? São construídos a partir de identificações? Primárias ou secundárias? Qual sua relação com a mãe? E com o pai? Qual sua relação com saúde ou com doença? Por que recebem o nome de masculinos e femininos?

É em seu artigo "A criatividade e suas origens" em *O Brincar e a Realidade* que Winnicott apresenta suas idéias sobre o que ele chama de *elemento feminino* e *elemento masculino*, muito embora, lendo outros textos do autor, tenha ficado com a impressão de que esses conceitos são decorrentes de um modo de pensar, como se fossem peças de um quebra-cabeça que se encaixam perfeita-

mente no lugar que lhes é devido.

Winnicott começa dizendo que só por meio da apercepção criativa é que o indivíduo sentirá que a vida é digna de ser vivida. Isto aponta para a idéia de que dela depende não só a qualidade da vida psíquica, mas até mesmo a própria vida. A doença estaria, então, relacionada à dependência da criatividade do outro, à submissão e a um viver não criativo. Partindo da idéia de que o mundo poderá ser apreendido de modo mais ou menos criativo, Winnicott nos coloca diante da questão da possibilidade de apreensão objetiva do mundo. Diz que estaríamos em uma situação mais cômoda se pudéssemos lidar apenas com situações extremas e afirma: "objetividade é um termo relativo porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido".²

² O Brincar e a Realidade
D.W. Winnicott pág. 96.

Referindo-se a indivíduos que tratam a realidade externa como um fenômeno subjetivo chama-os de esquizóides e assim introduz a questão da dissociação. Diz que, como pessoas, eles possuem valor para a comunidade de que fazem parte e podem ser razoavelmente felizes. Mas, há certas desvantagens em relação a eles e para aqueles com quem eles convivem, no sentido de serem presas fáceis de ilusões ou de aceitarem sistemas delirantes em certas áreas, embora possam mostrar-se firmemente baseados em outras.

Desde logo, então, propõe que não façamos uma linha divisória nítida entre o que consideramos saúde ou doença, salientando não concordar com qualquer teoria sobre a esquizofrenia que separe o sujeito dos problemas do viver e do desenvolvimento individual em certo meio ambiente.

É importante notar como Winnicott destaca, desse modo, a relevância do meio ambiente propício no desenvolvimento do ser humano.

Assim, o que vai propor é que criatividade, dissociação, vínculo com a realidade externa e viver pleno são intimamente relacionados: o criativo do viver, com ausência de elementos irremediavelmente dissociados, se refere entre outras coisas à abordagem que é possível ao indivíduo fazer da realidade externa. Com referência a essa questão, Winnicott propõe que supondo-se capacidade cerebral e inteligência em proporções que permitam ao indivíduo vir a ser uma pessoa criativa é ele assim o será, a menos que ele seja doente (e aqui não vamos considerar este aspecto) ou que tenha

sido prejudicado por condições ambientais adversas que tenham sufocado seus processos criativos; embora afirme a possibilidade de que isso venha a ocorrer em um momento tardio do crescimento pessoal, neste trabalho está mais interessado em identificar a etiologia da perda da possibilidade da primeira abordagem criativa dos fenômenos do mundo.

Salienta ainda, que mesmo na pior das hipóteses, a criatividade não será totalmente destruída permanecendo viva, até no estabelecimento de uma falsa personalidade.

No entanto, haverá uma insatisfação decorrente do que não pode ser desenvolvido e o indivíduo permanece "carente do enriquecimento propiciado pela experiência do viver".³

Parece-me que é importante ressaltar a força que Winnicott confere ao que denominou *impulso criativo*, que será considerado uma coisa em si, elemento de que dispõe todo ser humano (e não só os artistas) qualidade, aliás, que lhe é conferida pela própria criatividade. A questão não é colocada em termos de explicar a natureza desse impulso. Trata-se de verificar qual é a ligação existente entre o viver criativo e o simples viver, para descobrir as causas da perda daquilo que confere a qualidade de humano ao ser, em outras palavras, sua saúde. Chega ao ponto que lhe interessa então, fazendo críticas a alguns autores e pontos de vista, dizendo que eles trataram do assunto sem contudo terem chegado ao âmago da questão. Propõe sua opinião de que há estreita dependência do fator ambiental para se pensar no ponto onde a criatividade passa a existir ou não. Fator ambiental aqui é tomado de modo genérico, mas também o é mais especificamente, com referência ao papel da mãe nos primeiros cuidados com o bebê.

Referindo-se a diferenças e semelhanças que existem entre homens e mulheres, vai afirmar que a criatividade é um dos elementos que possuem em comum, compartilhando, ao menos, a aflição pela perda do viver criativo.

É o *elemento feminino* e o *elemento masculino* que Winnicott vai colocar como o ponto onde encontraremos a gênese dessa perda. Refere-se à questão entre fusão e saúde, tal como a ela se referiu Melanie Klein, isto é, fusão entre impulsos eróticos e destrutivos.

Parece-me que usou este caminho para propor que a saúde dependerá da possibilidade de se manterem *fusionados os elementos femininos e masculinos* presentes tanto no homem como

³ Idem . pag.99

na mulher. A dissociação desses elementos e sua excisão (*splitt off*) acarretariam diversas formas e graus de doença.

A *loucura* é posta em termos da forte presença de elementos dissociados o que comprometerá a abordagem que o indivíduo faz da realidade.

Conforme já foi anteriormente posto, as primeiras relações do bebê com a mãe são de importância decisiva: psiquicamente falando, no desenvolvimento normal, o bebê começa sem vida e esta é adquirida; simplesmente por estar o bebê de fato vivo.

No crescimento emocional do bebê há várias metas que serão consolidadas em fases posteriores. Três destas são: a integração, que simplesmente poderia ser definida por seu oposto que é o *splitting* ou dissociação; a personalização, que seria um passo posterior onde ocorreria a conquista de uma relação psique/corpo e as relações de objeto que se desenvolveriam a partir da adaptação de uma mãe suficientemente boa. Estas devem continuar acontecendo por um tempo razoavelmente longo, sob pena ou risco de que a capacidade para se relacionar com objetos possa ser perdida total ou parcialmente.

Na fase de integração, a natureza da relação de objeto é caracterizada pela natureza do objeto, que é o *objeto subjetivo*, o que introduz a idéia de gradações entre o que o objeto é e o modo como é percebido.

O *objeto subjetivo* é criado pelo bebê; no entanto, há um paradoxo apontado pelo próprio Winnicott que precisa ser aceito, sendo este o fato de que "o objeto não teria sido criado como tal se já não se encontrasse ali".⁴ Assim, as características intrínsecas deste objeto se inserem no modo como formar-se-á esse *objeto subjetivo* que em um momento é o próprio bebê, já que ele só será quando for *eu sou o seio*. A falha na constituição desse *ser* trará prejuízos para muitas áreas do desenvolvimento do bebê e me parece que Winnicott sugere que ela incide sobre a área da identidade sexual. Mostra a importância fundamental que tem o manejo do bebê pela mãe e a possibilidade de recuperação dessa situação na análise.

Neste momento, é necessária a inserção de um breve resumo do caso clínico apresentado por Winnicott no trabalho em questão. Isto poderá auxiliar a explanação destas idéias.

O paciente é um homem de meia idade, casado, com família e bem sucedido em uma profissão liberal. Havia tido uma longa análise não só com Winnicott e muito progresso fora alcançado.

⁴ Idem pg. 102

No entanto, persistia no paciente a impressão de que o que viera buscar não fora atingido.

Winnicott conta que chegou a algo novo e que tem a ver com a maneira pela qual pode lidar com o *elemento não-masculino* em sua personalidade.

Essa maneira consistiu em uma interpretação na qual Winnicott disse ao paciente: "Estou escutando uma moça. Sei perfeitamente bem que você é homem, mas estou escutando uma moça, falando com uma moça. Estou lhe dizendo: você está falando sobre inveja do pênis".⁵

⁵ Idem pg. 105

Winnicott deduziu que a interpretação fora adequada pelo profundo efeito que causou e que rompeu a rotina de bom trabalho, seguido de desilusão e da impressão de que algo fundamental permanecera imutado. A conclusão a que chegaram Winnicott e o paciente (embora fossem incapazes de prová-la, já que a mãe do paciente já falecera) foi que esta mãe vira um bebê menina quando o vira quando bebê.

Por meio desta interpretação, começava a ser possível que aquele bebê menino *criasse seu próprio seio*, integrando o *elemento feminino* que recebera dissociado; começava ser possível que aquele homem/bebê/menino fosse tratado como ele mesmo e não mais como uma extensão da dissociação da mãe, começava ser possível que se integrassem *elementos masculinos e femininos* e que o paciente, finalmente, encontrasse aquilo que procurava. Winnicott dá mais um esclarecimento ao fornecer o exemplo do homem que inicia meninas na experiência sexual afirmando que ele poderá sentir-se mais identificado com a menina do que com ele próprio; isso lhe propiciaria poder ir fundo para despertar o sexo da menina e satisfazê-la. No entanto, teria que pagar o preço de jamais encontrar plena satisfação masculina.

Winnicott chama atenção para o fato de que não é atividade ou passividade aquilo que vai caracterizar o *elemento masculino* ou *feminino* usando essa terminologia enquanto lhe faltam termos descritivos mais apropriados; em outro momento, acrescenta que o elemento que está chamando de masculino transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo. Além disso, "a relação de objeto do elemento masculino com o objeto pressupõe uma separação, e assim que se acha disponível a organização do ego o bebê concede ao objeto a qualidade de ser não-eu, ou separado, e experimenta satisfações do id que incluem a raiva, relativa à frustração. A satisfação dos impulsos acentua a separação do objeto quanto

⁶ Idem pg. 115.

ao bebê e conduz à objetivação do objeto. Daí em diante, a identificação quanto ao elemento masculino basear-se-á em mecanismos complexos que precisam de tempo para aparecerem e se desenvolverem como parte do novo aparelhamento do bebê".⁶

Por outro lado, o *elemento feminino puro* relaciona-se com o seio no sentido de o bebê *tornar-se o seio* (ou a mãe), significando isso que o objeto é o sujeito e não é possível pensar em *elemento feminino* ou relação de *elemento feminino* com o seio, sem o conceito de mãe suficientemente boa.

A mãe será, então, instaladora do desenvolvimento desejável ou da falha, o que dependerá do modo como ela consiga manejar sutilmente seu bebê.

⁷ Idem pg. 116.

Se ela possui um seio que é, o bebê também poderá ser, quando ainda não estão separados, ou o bebê "desenvolver-se-á sem a capacidade de ser ou com a capacidade de ser mutilada".⁷ "Parece que a frustração pertence à busca da satisfação. A experiência de ser relacionada-se a algo mais, não à frustração, mas à mutilação".⁸ Busca de satisfação se refere a uma atividade - satisfação de impulso - o que por sua vez se relaciona a *elemento masculino*. Mutilação se refere à essência do ser - o que se relaciona a *elemento feminino*.

Winnicott se pergunta o que ocorrerá no caso de o seio ser um seio de *elemento masculino* e não satisfatório para a identidade inicial que precisa de um seio que é e não um seio que faz. O bebê terá de fazer como, ao invés de ser como.

O ser é a única base para a auto-descoberta e para o sentimento de existir; a possibilidade de utilizar os mecanismos de projeção e introjeção dependem do estabelecimento desse existir.

Winnicott propõe, então, que o ser precede qualquer outra tarefa a realizar-se pelo bebê. Antes de fazer, há que ser, há que compartilhar as qualidades do seio, sendo o seio que é desejado. O desenvolvimento de ser desejável significará ser comestível, o que implicará em que o bebê se sinta em perigo por ser excitante (já que agora é, para que o *elemento masculino* de alguém faça algo com ele). Dessa maneira, o pênis de um homem pode ser um *elemento feminino* excitante, a gerar atividade de *elemento masculino* na menina.

Vemos assim como a questão do fazer está de algum modo ligada ao *elemento masculino*: é no sentido de que fazer pressupõe uma atividade.

Winnicott diz: "cl clinicamente precisa-se lidar com o caso do bebê que tem de safar-se com uma identidade com um seio que é ativo, que é

um seio de elemento masculino, mas não é satisfatório para identidade inicial que precisa de um seio que é, não de uma seio que faz".⁹

Há ainda um fator que, apenas aparentemente, fica em segundo plano na constituição e desenvolvimento do bebê, no seu evoluir de ser a fazer, que é o papel do pai.

Apesar de Winnicott não ter escrito extensivamente sobre seu papel, em vários momentos se refere à importância de sua presença, dizendo que ele estará sempre apoiando a mãe para que ela possa ser e, desse modo, permitir isso também ao bebê. Posteriormente, ou seja, quando o bebê já é, sua influência poderá se exercer mais diretamente por meio da relação que estabelecerá com o bebê.

O quanto de *elemento feminino* existe em uma menina ou em um menino depende também de outros fatores como hereditariedade. Isso permite encontrar meninos com *elementos femininos* mais intensos que meninas possuidoras de *elementos femininos* menos puros. Interfere também a capacidade da mãe para transmitir a desejabilidade do seio ou a função materna que o seio simboliza. Por causa desses fatores, será sempre possível encontrar meninas e meninos cuja sexualidade é assimétrica, muitas vezes mais carregada do lado errado de sua provisão biológica.

Continuando em sua explanação sobre a influência da presença de elementos dissociados na identidade sexual, refere-se mais uma vez ao caso clínico dizendo "a existência do elemento feminino dissociado impedia a prática homossexual (...) ele sempre fugiu de avanços homossexuais no momento crítico porque (como veio a perceber e me contou) colocar a homossexualidade em prática, estabelecerá sua masculinidade que (desde o *self* de elemento feminino dissociado) ele nunca desejara conhecer ao certo".¹⁰ Portanto, para estabelecer sua masculinidade precisaria *ser* - integrar o *elemento feminino* puro que se achava dissociado.

A próxima pergunta seria então por que se achava dissociado o *elemento feminino* e a resposta seria que a mãe não permitira que ele fosse o que era biologicamente, impondo-lhe com seu fazer de *elemento masculino*, seu *elemento feminino* dissociado. Quer dizer, a mãe invade o bebê com o que nela está dissociado e isso é o que o bebê tem que ser, sendo isso da ordem de um funcionamento de *elemento masculino*. O bebê recebe a invasão do elemento dissociado e não pode criar seu próprio seio. Fica mutilado de uma parte que lhe é fundamental - ser o seio ou o que ele significa. Dito de outro modo, é como se a mãe dissesse: "Faça

⁹ Idem pg. 116.

¹⁰ Idem pg. 112.

como eu quero" (modo de elemento masculino) e faltará ao bebê (no sentido de existir nele, dissociado) aquilo que estava dissociado na mãe (elemento feminino).

Uma última consideração diz respeito à exigência que esse tipo de análise parece fazer ao analista. Penso que muitos pré-requisitos serão fundamentais, indo dos teóricos à capacidade de tecer interpretações que mostram o modo como foram recebidas as comunicações do paciente e de manter sensível perspicácia e possibilidade de continência das necessidades do paciente, de modo a permitir a ele trazer para a transferência o que Winnicott chama de conteúdos profundamente sepultados, voltar ao momento de construção do ser, e só então voltar-se para a atividade da vida.

Penso que essa capacidade é de algum modo a reedição do que teria sido desejável que a mãe tivesse tido.

Tentando resumir estas considerações poder-se-ia dizer que:

Elemento feminino é o bebê desejável.	Elemento masculino é o bebê desejante.
Num primeiro momento não haveria bebê.	Num segundo momento, haveria um bebê que sente necessidade da mãe, "sabe em sua mente que a mãe é necessária".
Num primeiro momento, o bebê não sabe que mãe e a mãe é ele.	Num segundo momento, o bebê sabe da mãe; portanto, agora que há uma mãe, há um bebê.
Eram um.	Agora são dois.
Do ponto de vista do bebê, quando não era, sua tarefa era ser.	Agora que é, sua tarefa é fazer.
Quando o bebê não sabe da existência da mãe, também não sabe da sua, precisa ser.	Agora que sabe da existência da mãe, sabe da sua, pode fazer.
ou	
Como não havia bebê, não havia quem soubesse da existência da mãe.	Agora que há um bebê, há quem saiba da existência da mãe.

Se houvesse um bebê suas teorias seriam:

Eu não era.	Agora sou.
Minha mãe não era.	Agora é.

Referências Bibliográficas

WINNICOTT, D.W. "A criatividade e suas origens" in *O Brincar e a Realidade*, Rio de Janeiro, Imago, 1975